AFETIVADADE ENQUANTO FATOR DE MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Edmary da Silva Freitas
Lidiane Santos da Silva
Maria Isabel da Gama Santos

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar os aspectos inerentes ao ensino aprendizagem ligados ao processo sócio-afetivo, com ênfase na motivação. A família e o professor exercem um papel significativo no desenvolvimento afetivo da criança, pois, são eles com suas vivências que conduzem o processo de aprendizagem. A pesquisa baseou-se na análise bibliográfica que indica os aspectos sócio-afetivos relacionados à cognição do indivíduo. Salienta-se ainda que a afetividade influencia a aprendizagem e favorece a resultados satisfatórios, identificando essencialmente a prática docente como determinante na evolução pedagógica e estimulação do bom desenvolvimento do aluno.

Palavras-chave: Afetividade. Motivação na Aprendizagem. Família. Relação Professor-Aluno.

Introdução

Diante das dificuldades que o ambiente escolar vem sofrendo, em conseqüência da sociedade pós-moderna, que atingiu o educando e sua forma de aprender, surgiu o interesse em refletir na forma de amenizar algumas das dificuldades que existem na escola, inserindo neste contexto a afetividade.

> Acreditamos que as dificuldades, os conflitos, as guerras e a intolerância que gradativamente se apodera do mundo são resultados dessa total inversão de valores que predomina nas sociedades – configurando um tempo em que até mesmo a esperança parece estar mais escassa. Cabe a nós estar conscientes da importância de nosso papel e amparar, reerguer, reavivar os sentimentos, valores e atitudes que poderão renovar a confiança em dias melhores. (CHALITA, 2005, p 11).

Com base neste pensamento que nos remete a vida acadêmica especificamente voltada para a especialização na área educacional, o presente artigo mostra com embasamentos teóricos como a família, a sociedade e a educação se interagem e estão ligadas diretamente a afetividade, destacando-a como fator primordial para o desenvolvimento da aprendizagem. A afetividade é considerada a energia que move as ações humanas, ou seja, sem afetividade não há interesse nem motivação para a vida, tendo em vista que a afetividade atua e contribui para que os educandos se sintam confiantes e seguros.

Partindo do pressuposto de que a afetividade é um composto fundamental das relações interpessoais, o artigo destrinchará os aspectos que caracterizam o desenvolvimento afetivo e a socialização das crianças em idade de seis a dez anos, analisando como a afetividade familiar está diretamente associada ao bom desenvolvimento escolar. A partir destes elementos serão abordados aspectos sócio-econômico, que afetam a relação familiar e a aprendizagem. Destacaremos a sensibilidade que o profissional da educação precisa demonstrar para motivar seus alunos, para que o fracasso escolar não seja tão constante na educação em relação a tal problemática.

Sabemos que toda mudança educacional é lenta, porém, depende de cada docente a clareza e a sensatez de transformar a história da educação, em sua própria história de afetividade e aprendizagem para com o educando, e dessa forma copiada por vários educadores como exemplo, para um processo contínuo e construtivo da educação de uma nação.

Desenvolvimento da Afetividade e Socialização

Segundo Wallon em, A afetividade na aprendizagem (apud Weber. Aviz, 1971, p 02) a emoção é o primeiro e mais forte vinculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivos da atividade emocional. Wallon dedicou grande parte de seu trabalho ao estudo da afetividade, adotando, além disso, uma abordagem fundamental social do desenvolvimento humano. Busca em sua psicogênese, articular o biológico e social. Atribui às emoções um papel de primeira grandeza na formação da vida psíquica, funcionando como uma amálgama entre o social e orgânico. As relações da criança com o mundo exterior são, desde o início, relações de sociabilidade, visto que o nascer não as tem.

Quando falamos de afeto, de carinho, nos remetemos a uma concepção mais ampla, envolvendo uma gama maior de manifestações, englobando sentimento e emoções. A afetividade corresponde a um período mais tardio na evolução da criança, quando surgem os elementos simbólicos. Segundo Wallon em, A afetividade na aprendizagem (apud Weber. Aviz, 1968, p 02), é como o aparecimento desses elementos. A possibilidade de representação, que conseqüentemente implica a transferência para o plano mental, confere aos sentimentos certa durabilidade e moderação geradora de tônus, tais como a cólera e a ansiedade, capazes de tronar pétrea a musculatura periférica.

Segundo Vygotsky em, A afetividade na aprendizagem (apud Weber. Aviz, 1992, p 03), o conhecimento do mundo objetivo ocorre quando desejos, interesses e motivações aliam-se à percepção, memória, pensamentos, imaginação e vontade, em uma atividade cotidiana dinâmica entre parceiros.

Nos parágrafos anteriores percebemos que Wallon e Vygotsky, em se tratando de afetividade têm muitos pontos em comum. Ambos assumem o seu

caráter social e têm uma abordagem de desenvolvimento para a mesma, demonstrando, cada um à sua maneira, que as manifestações emocionais, portanto, de caráter orgânico, vão ganhando complexidade, passando a atuar no universo do simbólico. Dessa maneira, ampliam-se as formas de manifestações, constituindo os fenômenos afetivos. Da mesma forma, defendem a íntima relação que há entre o ambiente cultural/social e os processos afetivos e cognitivos, além de afirmar que ambos se inter-relacionam e se influenciam mutuamente.

No desenvolvimento afetivo e social se fará oportuno identificar as características da criança na fase em que corresponde a de 6 a 10 anos, para melhor entendimento dos anseios e expectativas das fases em questão.

A criança de cinco a seis anos em seus traços principais tem seu desenvolvimento afetivo na idade escolar vem marcado por três grandes acontecimentos. Em primeiro lugar, e em plano estritamente psicológico, está o processo de resolução do complexo de Édipo, que deve se completar entre seus sete anos. Depois a entrada no período de latência do desenvolvimento psicosexual, que se estende até o início da puberdade e que é conseqüência direta das transformações produzidas na psique infantil pela resolução edipiana. Por último, o progresso na socialização, que se inseri em um cenário completamente diferente ao que proporciona a célula familiar: a escola na qual a criança passa a maior parte do dia.

Nessa fase a crianças se encontra em um momento em que não é difícil adaptar-se a experiência escolar. Em princípio pode adotar, frente aos demais uma atitude de distanciamento, de hostilidade muito em função de não ter tido esta experiência em anos anteriores. Mas geralmente não demora muito tempo para que a criança se sinta integrada a escola e ao grupo que se forma em sua sala de aula.

É pouco comunicativa com seus pais em tudo que se refere à escola, por isso os contatos regulares com a família e os professores serão mais que imprescindíveis. É necessário nesse sentido que entre pais e educadores exista um contato regular.

O contato com a professora é para a criança uma nova e interessante forma de relacionamento. O professor representa uma autoridade diferente da dos pais: trata-se de uma autoridade social, ainda que não alheia por completo a algumas transferências de afeto que ocorre nas relações parentais. Para todas as crianças, o

educador é a pessoa que as ajuda a descobrir e desenvolver suas capacidades e, com isto, fortalecer a confiança que cada uma tem em si mesma.

Nas crianças de sete a oito anos a resolução edipiana e a entrada no período de latência coincide com as quedas dos dentes de leite. As relações com os pais se estabilizam e, ao menos em parte, esfriam-se um pouco. “Diminuem beijos e abraços dados espontaneamente, são freqüentes os esquecimentos de dar “boa noite” ou “bom dia”, e os jogos e até vontades comuns que poucos meses atrás eram um desejo agora perdem o interesse” (MORA, P. 285).

A criança de sete ou oito anos espera com ansiedade o momento de voltar a reunir-se com seus amiguinhos, deixando de lado os pais e inclusive os irmãos, antes companheiros preferidos de brincadeiras. Ao falar de seus pais, fazem sem qualquer relação afetiva, como se tratasse exclusivamente de personagens sociais. Nessa fase também se reúnem os ganhos e as aquisições anteriores às experiências “boas ou ruins” que são reelaboradas em função das novas coordenadas psíquicas pela qual a criança se move.

A criança deixa de ser infantil e caprichosa, aprende a ter paciência quando a situação exige, e inclusive pode chegar a preferir a dificuldade, a velocidade, como por exemplo, nos jogos, nas atividades manuais ou artísticas ou na leitura. Segundo Piaget, a criança de sete anos já pode estabelecer operações lógico-concretas. Esse passo importante lhe permitirá conhecer e interiorizar o mundo exterior, expressar a sua afetividade e começar a adquirir as técnicas instrumentais básicas: escrita, leitura e cálculos.

Dentro dessa evolução, cada etapa possui traços característicos próprios afetivos, psicomotor, intelectual e social. É muito importante que tanto a escola quanto o professor levem em conta sempre os níveis de amadurecimentos que correspondem a cada idade, pois do contrário existe o perigo de que o ensino fique fora da realidade do aluno.

Uma importante característica que se desenvolve nesta época é a automotivação, que denota um importante progresso rumo à maturidade, porém não significa que ela renuncie a fantasia, à recriação sonhadora ou à imaginação, agora tais procedimentos mentais se transformam mais sólidos.

Aos nove e dez anos a teoria e a prática psicanalíticas têm esclarecido o complicado mundo da afetividade da criança, assim como a Psicopedagogia tem trazido maneiras de compreender a infância a partir dos adultos. N idade em

questão, reúne-se os ganhos e as aquisições anteriores, as experiências “boas e ruins”, que são novas coordenadas psíquicas pelas quais a criança se move.

Essa fase do ponto de vista emocional é pelo menos conflitante do que outras etapas da vida da criança, anteriores e posteriores. A maioria dos escolares, tanto na sala de aula quanto em casa, mostra uma atitude mais tranqüila e adulta. Na fase atual a criança está aprofundando e desenvolvendo o pensamento lógico concreto. Por enquanto, porém, as operações do pensamento concreto só chegam àquilo que elas podem manipular diretamente ou representar em forma muito viva.

> No decorrer do desenvolvimento, a afetividade é construída sob diferentes níveis de relações, seja em virtude das condições maturacionais, seja em virtude das características sociais de cada idade. Sobretudo, as relações que definirão o crescimento íntimo do individuo serão mais complexas quanto maior for a idade da criança. Por exemplo, quando se chega à puberdade ocorre uma transformação que atinge principalmente o campo moral das relações com o outro: o adolescente busca ultrapassar a si mesmo. O eu se defronta com meio à sua volta e o adolescente passa a questionar os valores, as relações sociais. (ALMEIDA, 1999, p 48).

Com freqüência, porém, por trás dessa aparência esconde-se um estado emocional complexo e contraditório, uma vez que as crianças não exteriorizam com a mesma espontaneidade de antes seus sentimentos e suas frustrações.

A Afetividade Familiar

A família representa um grupo social primário que influencia e é influenciado por outras pessoas e intuições, ou seja, redes de relacionamentos recíprocas, alianças que estão constantemente evoluindo e que são influenciadas pela comunidade e pela cultura.

A afetividade, apoio e cuidados dos pais são comportamentos decisivos para o desenvolvimento da maturidade, da independência, da competência, da

autoconfiança, da autonomia nas futuras decisões e das responsabilidades. O amor é fator essencial para o desenvolvimento e equilíbrio do ser.

> Uma das tarefas pedagógicas dos pais é deixar óbvio aos filhos que sua participação no processo de tomadas de decisões deles não é uma intromissão, mas um dever até, desde que não pretendam assumir a missão de decidir por eles. (FREIRE, 1996, p. 120).

Em todas as sociedades a função mais importante da família é a de cuidar e socializar seus filhos, processo em que as crianças adquirem as crenças, os valores e os comportamentos considerados adequados pela sociedade à qual pertence.

As primeiras experiências afetivas da criança geralmente são proporcionadas pela família, os relacionamentos afetivos podem ser carinhosos, afetuosos, mas por outro lado, podem ser hostis, severos, agressivos, violentos, resultando em diferentes influências sobre os filhos, uma das circunstâncias que deixa as crianças transparecerem claramente essa influência é na aprendizagem escolar. Os pais são espelhos para os filhos, portanto há uma grande possibilidade das atitudes comportamentais deles, influenciarem diretamente nas atitudes dos filhos, que poderá fortalecer e consolidar um bom caráter, ou, poderá comprometer a construção do mesmo. Nesse caso tornando-se mais árduo para outros segmentos sociais que terá a missão de educar o sujeito.

Segundo Piaget (1975), o sentimento que a criança tiver experimentado no passado pela mãe orientará os sentimentos futuros, mesmo que haja uma sucessão de amores, irmãos, amigos, namorados, ao amor-mãe este sentimento primitivo que irá mudar as suas emoções e comportamentos mais profundos. E ainda Piaget, a respeito do desenvolvimento da afetividade, afirma que esta não se apóia numa espécie de energia que se desloca de um personagem para outro, sejam eles reais ou imaginários.

A criança quando sente que é aceita, compreendida, valorizada e respeitada tem grandes possibilidades de se desenvolver bem em seus estudos. Sabemos que a aprendizagem não se dá apenas no plano cognitivo. Além da inteligência, ela envolve aspectos orgânicos, corporais, afetivos e emocionais. Para que a aprendizagem aconteça de forma significativa, é necessário que todas essas

funções estejam em perfeita harmonia e equilíbrio. Na sua psicogenética, Wallon defende os aspectos afetivos, pois é de fundamental importância para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento pleno do ser humano. As vivências infantis, principalmente em relação ao adulto, são imprescindíveis para a estruturação da personalidade.

O amor no ambiente familiar é uma condição indispensável para a educação das crianças. Quando os pais se amam e amam seus filhos estes demonstram atitudes positivas, em relação à vida, aos autores e a si mesmo, mostram-se seguras e confiantes. As crianças bem amadas geralmente são interessadas e participativas, entusiasmadas e procuram entender o que está sendo proposto pela escola.

Já as crianças rejeitadas ou não acompanhadas pelos pais manifestam muitas necessidades de carinho, atenção e de reconhecimento, prejudicando o processo de aprendizagem das crianças. Segundo Piletti, (2004, pg. 279). “Quando os pais amam os filhos estes envolvem atitudes positivas em relação a si mesmas, aos outros e à vida”.

A dimensão da sensibilidade que os pais demonstram às necessidades de seus filhos, dando-lhe apoio, afeto e elogios quando respondem às suas expectativas, propiciam a estes um melhor desempenho na vida escolar. “Pais carinhosos e sensíveis são constantemente associados com resultados positivos em relação aos seus filhos, como apego seguro, orientação pós-social e boa relação com pares, auto-estima elevadas, forte senso moral e muito outras virtudes”. (SHAFFER, 2005, p. 542).

Pais que aceitam seus filhos são bastante carinhosos e afetuosos, componentes cruciais para uma educação eficaz. Sabe-se que o acompanhamento da família na vida de um individua, principalmente, na infância e na adolescência é fundamental para que ela se desenvolva com segurança e autonomia em todos os âmbitos de sua vida, pois, crianças que tem uma boa relação afetiva são seguras, capazes de entender melhor a realidade e possuem o melhor desenvolvimento cognitivo.

Hoje, mais do que nunca, percebemos a necessidade de uma Educação voltada para o desenvolvimento não só do cognitivo, mais emocional e social de nossas crianças e adolescentes. Pesquisas recentes apontam para uma queda nos níveis de competência emocional, o que altera significativamente o comportamento de nossas crianças, deixando-as mais inseguras, vulneráveis e sujeitas a

desencadear sintomas que irão interferir no seu desenvolvimento físico e educacional.

Um dos fatores que altera esse comportamento é a sociedade em que vivemos que demonstra situações de desigualdades sociais, atingindo a as crianças que enfrentam várias dificuldades para aprender. Muitas famílias não dispõem de recursos suficientes para uma vida dignas, tornando-as mais vulneráveis aos afeitos negativos da vida, diminuindo sua capacidade de serem pais carinhosos, apoiadores e envolvidos com o desenvolvimento de seus filhos. Situação que ocasionam obstáculos á aprendizagem.

Diversos fatores contribuem para as dificuldades entre as classes sociais nas praticas de criação de filhos, e o estresse associado à baixa renda parece ser o primeiro da lista por criar um desconforto em relação às condições de vida.

Obviamente a criação sem envolvimento e cuidados, vista com tanta freqüência em famílias economicamente desfavorecidas demonstram grande variedade de conseqüências desenvolvimentistas, como deficiência cognitiva, baixo rendimento escolar, auto-estima baixa e comportamento agressivo e anti-social.

> Os sentimentos que os pais têm em relação à criança, durante os anos anteriores a escola, são de fundamental importância para o desenvolvimento posterior da criança e para a sua aprendizagem escolar. Esses sentimentos contribuem para que a criança desenvolva o conceito de si própria (o autoconceito), o conceito do mundo e de seu lugar no mundo. (PILLET ,2004, p. 275-276).

Responsável pela transferência de amor paciência e coerência, as famílias desenvolvem em seus filhos a espontaneidade e autoconfiança, favorecendo assim a disposição para aprender. “A motivação mais eficiente para a aprendizagem é a que vem de dentro do indivíduo, de seu desejo espontâneo de aprender, de sua curiosidade natural, e de seu impulso para o crescimento”. (PILLET, 2004, P. 318).

A família é a primeira, a mais importante instituição educadora na vida da criança. É fundamental que os pais assumam sua responsabilidade, enquanto orientadores que são dentro do lar, conversem, orientem e ouçam seus filhos, para que eles aprendam com seus familiares de forma descontraída, pois, na família, a

aprendizagem é espontânea, livre e significativa. Sendo assim, a família e a escola devem estar em constante interação, pois, isso permitirá à criança um desenvolvimento cognitivo maior e um ajustamento social, cultural e emocional mais adequado, mesmo que seja uma família de classe baixa, que ela não se deixe abater na condição de querer o melhor para os seus filhos através da educação.

A Afetividade na Escola

A escola é uma peça de engrenagem maior, na sociedade. Partindo desse pressuposto podemos pensar na escola como agente de socialização, que pode afetar o desenvolvimento social e emocional do indivíduo. Dentre as instituições formais que a criança encontra fora do lar, a escola é uma das que mais influenciam no desenvolvimento da criança, sendo um ambiente legítimo para a construção da afetividade, pois está focada na intervenção da inteligência. “A vida inicia-se com a afetividade e a cognição interligada, mais ao decorre do desenvolvimento vão se diferenciando, prevalecendo ora uma ora outra” (ALMEIDA, 1999).

A escola atualmente ainda divide a criança em duas: a cognitiva e afetiva, esse dualismo é um dos maiores mitos presentes das propostas educacionais. Acredita-se que apenas o pensamento leve o aluno a atitudes racionais e inteligentes, já os sentimentos, vistos como “coisas do coração”, não levam ao conhecimento e podem provocar atitudes irracionais. Seguindo essa crença as instituições educacionais caminharam para a ênfase da razão. Porém, a escola deve trabalhar o educando de forma integral, priorizando não só os aspectos cognitivos como também valorizando os afetivos, pois, a criança não pode ser vista como um ser fragmentado.

A ação da escola não se restringe ao cumprimento da instrução, mas especialmente favorece o total desabrochar do educando. As experiências e os conhecimentos vivenciados na escola, e através da escola, têm um importante significado para o desenvolvimento afetivo e social do indivíduo.

É fundamental que o docente conheça seus educandos nos aspectos cognitivos e emocionais. Dessa forma garantirá o êxito das interações e das vivências na vida escolar. “Os educadores são escultores da emoção. Eduquem

olhando nos olhos, eduquem com gestos: eles falam tanto quanto as palavras" (CURY, 2003, p. 125).

A falta de uma educação que aborde a emoção na sala de aula causa prejuízos para a atuação pedagógica, pois suas conseqüências atingem professor e aluno causando desgaste psicológico e físico a ambos.

É papel do professor, mediar à relação afetiva na sala de aula. "O professor precisa compreender o funcionamento da mente e entender que no pequeno espaço escolar são desencadeados traumas emocionais" (CURY, 2003, p. 139).

O educador precisa se apropriar do conhecimento acerca da afetividade, para ampliar as possibilidades de compreensão da realidade de seus alunos. Entretanto a falta desse suporte pode significar o desequilíbrio diante das relações emocionais de seus educandos. "A sociedade mudou e, hoje, o papel de quem está à frente de uma sala de aula também é educar e dar carinho. Se todos perceberem que isso existe – e não é um bicho-de-sete cabeças – a angústia diminui" (MACÊDO, 2007, P.35).

Para Almeida (1999, p. 98) "A qualidade das relações humanas, as possibilidades econômicas, os estímulos cognitivos e afetivos terão todos, uma parcela de importância na massa psíquica que constituirá o sujeito" . Pois as relações afetivas têm o papel de mediar à interação de dois aspectos do desenvolvimento do indivíduo: o orgânico e o social. Entre eles existe uma relação de interdependência no processo de amadurecimento das habilidades humanas.

A escola tem um papel fundamental no desenvolvimento sócio-afetivo da criança. Como instituição social é rica em diversidade, em interações, e possibilita que o indivíduo estabeleça relações assimétricas como adultos e simétricos entre crianças da mesma idade. O professor deve perceber as necessidades dos educandos levando em conta os diversos níveis de desenvolvimento afetivo cognitivo, para orientar a ação educativa, "ao professor, é delegado um importante papel social, qual seja o de compreender o aluno no âmbito de sua dimensão humana, no qual tanto os aspectos afetivos estão presentes e se interpretam em todas as manifestações do conhecimento". (ALMEIDA 1999)

Assim, a escola não deve subestimar negligenciar ou até mesmo suprimir o ambiente da emoção em suas atividades, devendo a escola e o adulto conhecer a maneira de funcionamento da emoção para administrar adequadamente suas expressões.

> As relações afetivas são em alguns grupos, predominantemente o motivo de suas agressões fato que não ocorre com a escola, no qual a razão primeira de sua existência está na responsabilidade com o conhecimento. Entretanto, mesmo na escola as ralações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto a relação professor-aluno uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente. (ALMEIDA, 1999, p. 107).

Diversos fatores atrapalham a atuação do profissional nessa relação de afetividade em sala de aula, a resistência que o aluno apresenta em forma de traumas cria uma barreira professor-aluno. Um deles é a família, pois, é à base da formação da criança, já que é dela que o educando traz seus conhecimentos prévios, uma base precária irá repercuti durante toda vida escolar do indivíduo.

Pessoas com diferentes classes sociais e heranças étnicas, enfrentam vários tipos de problemas, perseguem diferentes objetivos e adotam valores distintos. A classe social a que o indivíduo pertence, exerce grande influência sobre a aprendizagem. Crianças oriundas de classes altas ou médias, desde cedo mantêm contato com materiais escolares e vivem com familiares que tem o hábito de ler ou estudar. Os filhos de famílias de classes desfavorecidas, geralmente vivem em um ambiente desfavorável a aprendizagem, elas não têm experiência com materiais escolares, nem presenciam familiares estudando, as quais têm uma tendência a se afastar da escola. Estas se sentem frustradas e incapazes, já que a escola muitas vezes é feita para crianças que já vivem em um clima favorável a aprendizagem.

Porém existe praticas pedagógicas capazes de romper certos traumas, mesmo que seja de forma paliativa para o aluno, pois, o professor não tem o poder de mudar a sociedade, porém, tem a magia, a motivação e afetividade para mudar sua sala de aula, levando em consideração esses obstáculos para buscar sua superação. A motivação é fator imprescindível da aprendizagem. Pode ocorrer aprendizagem sem escola, sem livros, sem professor e outros recursos, mas sem motivação não há aprendizagem.

Nas crianças, essa motivação acontece quando elas procuram reestruturar seus conhecimentos que se opõe com suas experiências. Apesar de sua

importância para a aprendizagem, à motivação nem sempre recebe a devida atenção do professor, pois, motivar os alunos para que se interessem pela disciplina e estudem de maneira criativa e independente é muito mais difícil. Entretanto nesse caso, os resultados no final do processo serão muitos mais gratificantes para professores e educandos.

O comportamento humano pode ser motivado por condicionamento na medida em que as matérias oferecidas estiverem associadas a reforço que satisfaçam certas necessidades dos alunos. A teoria cognitiva considera que o individuo pode interessar-se e decidir conscientemente o que ou não fazer tendo em vista sua racionalidade, objetivos, expectativas, intenções e planos individuais, por isso, é de fundamental importância respeitar a individualidade de cada indivíduo.

> Filhos são diferentes, alunos são diferentes, amigos são diferentes... Todos obedecem a um ritmo próprio. Cabe a nós respeitar a maravilhosa trama dos teares diversos. Tramas que produzem indumentárias vivamente coloridas e originais, sempre a partir da mistura de cores e tecidos. No dia-a-dia, o nós não inviabiliza o eu nem o tu. É preciso entender a mágica dessas misturas e o modo como enriquecem as confecções da vida. (CHALITA, 2005, p139).

Os professores deverão desenvolver estratégias que encorajem as crianças cada vez mais através de métodos ativos, favorecendo ainda mais essa motivação. Variar nas atividades não fazer atividades longas, especialmente com crianças, e intercalar exercícios que ajudem a incrementar a atenção, favorece a motivação. Informar para os alunos a respeito do que será feito durante todo o horário de aula, também ajudar a deixá-los motivados. Enfatizar os acertos ou um modelo, e não os erros desenvolvendo a auto-estima. Outra estratégia que favorece a motivação é o uso de reforço, como o elogio, a valorização de suas idéias, comentários positivos a respeito de seus trabalhos e tarefas realizados em sala de aula. Atividade em grupo também favorece a motivação, não só em crianças, como também em adultos.

Portanto, a escola tem seu papel emotivo e afetivo no desenvolvimento infantil, e a relação professor-aluno propicia riquíssimas possibilidades de crescimento. Dessa relação ímpar pode surgir cumplicidade afetiva exercendo um importante papel na personalidade da criança.

Almeida (1999), fundamentada em Wallon, aborda que o professor tem um papel essencial no desenvolvimento afetivo da criança, por isso é preciso repensar a eficiência das relações afetivas em sala de aula e entendê-las como uma companheira fiel da inteligência.

O afeto tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. O educador inclui sentimentos, interesses, desejos e emoções em geral, cabem ao professor promovê-los para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Ninguém ensina o que não aprendeu. Como o professor pode se capaz de contextualizar a aula a realidade do aluno se na sua formação deficitária não vivenciou esta realidade? De acordo com o contexto histórico da educação, o professor sempre foi visto como o mestre detentor de todo o saber, exercendo sobre o aluno um distanciamento que inibe a troca de informação e conhecimento por acreditar que nada tem a aprender com seus alunos.

Até o século XIX essa relação de hierarquia dominava a pedagogia, com o pensamento do educador suíço Pestalozzi, declarando que o afeto tinha o poder de despertar o processo de aprendizagem autônomo na criança, ou seja, à medida que o sentimento entra na educação da criança, ela se desenvolve individualmente. Assim não dá para educar pensando só na cabeça do adulto, o coração também é importante. O professor deve acolher os sentimentos doa alunos e criar uma ambiente de aceitação para obter sucesso na aprendizagem, essa pregação mudou a situação de hierarquia.

O professor não é a única e nem mais importante fonte de conhecimento, o individuo é bombardeado de informações a todo o momento e através de varias formas. Cabe ao docente mais do que transmitir o saber. Devem-se articular experiências em que o aluno reflita sobre suas relações com o mundo e o conhecimento, assumindo um papel ativo no processo ensino-aprendizagem que por sua vez deve abordar o indivíduo em sua totalidade. Crianças que são bem sucedidas na escola gostam mais de si mesmas, são confiantes e abertas para interagir com os demais.

Pais e educadores e todos que acreditam na importância dos valores essenciais, para a formação de gerações mais conscientes e críticas, devem propagar e demonstrar por meio de exemplos e ações que, independentemente das diferenças, todos temos necessidades físicas e psicológicas semelhantes. Todos precisamos de alimento para o corpo e para o espírito. Todos precisamos de um lar

onde nos sintamos protegidos e amados. Um lar que nos guarde do mau tempo. Todos precisamos de afeto, amor, de aceitação e de compreensão para desenvolver um caráter que nos torne dignos de exercer a inteligência e o livre-arbítrio concedidos quando nascemos e capaz de repercutir ao logo de sua vida, mantendo um equilíbrio com a sociedade e com o seu eu.

Considerações Finais

De acordo com as abordagens presentes no artigo percebemos que afetividade influencia a vida do ser humano, desde seus primeiros anos de vida e que isso pode ajudar, na aprendizagem, dependendo de como a afetividade dá-se na vida do indivíduo. A família é o primeiro grupo onde se trabalha a afetividade, porém, vimos que é necessário que a escola possibilite a continuação desses laços e saiba como trabalhá-los no âmbito da sala de aula.

Este trabalho apresentou de forma científica como afetividade, relação familiar, relação professor-aluno e motivação são fatores fundamentais para favorecer uma aprendizagem prazerosa às crianças. Visto que todos esses fatores estão direta ou indiretamente ligados, fazendo-se imprescindível que esta ocorra de fato. Porém destacamos também a falta da afetividade familiar que conseqüentemente afeta a vida escolar do educando, foram-se citados fatores que faz com que deixe de existir esse afeto, um deles destacados foi à vida socioeconômica das famílias de baixa renda, que por tão grande problema esquece que as crianças são seres inocentes dessa sociedade desigual.

O professor, por sua vez, exercendo um papel fundamental na vida escolar de uma criança, terá que se dispor a ajudá-la desenvolvendo suas capacidades, fortalecendo um vínculo afetivo professor-aluno e motivando, não agindo de forma dualista onde se divide a criança em razão e emoção. Desta forma ficou em evidência que trabalhar a afetividade nas relações em sala de aula é uma proposta que é grande aliada na aquisição de uma aprendizagem concreta.

Torna-se necessário e prudente afirmar que não podemos mais pensar em sermos educadores que nada acrescentam na transformação social e afetiva dos

educandos, pois, assim, só seremos lembrados simplesmente como pessoas que passam pela vida sem que sejam percebidas.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas. SP: Papirus, 1999.

CURY, Augusto. **A educação de nossos sonhos**: formando jovens. RJ: Sextante, 2003.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do amor**: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. São Paulo: Editora Gente, 2005.

MORA, Ester. **Psicopedagogia infanto-adolescente**. Tradução de Daniela Falcão, Dra. Lea Távora Ochs, Monica Nehr, Stella Machado. Ed. Equipe Cultural.

MACÊDO, Lino. A Educação Vista Pelos Olhos do Professor. **Como o Professor vê a Educação**. São Paulo. Ed. Ver. Nº 207. Novembro, 2007, p 35.

PILETTI, Nelson. **Psicologia educacional**. São Paulo: Ática, 2004.

ARAUJO, Rafael Santana. **Diferentes Contextos – Escola e Família**. P. 04, 11, 13. Faculdade São Luis de França. Set.2008. Aracaju-Se.

ROSA, Jorge La. **Psicologia e educação**. O significado do aprender. 9ª ed. Porto Alegre: Edipuors, 2006.

SAFFER, David R. **Psicologia do Desenvolvimento**: infância e adolescência. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SUTTER, Graziella. **Refletindo sobre a relação família - escola**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles926/1/refletindo-sobre-a-relação-familia---escola/pgi-na 1:html-115k>. Acesso em 25 nov.2008.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. **Afetividade na escola**: Alternativas Teóricas e Práticas/ Disponível em: < http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 25 nov.2008.

WEBER, Marisa Regina. AVIZ, Denise Stollmeier de. **A Afetividade na Aprendizagem**: a importância do educador, da família, da escola e o papel da afetividade na alfabetização. Disponível em: <http://www.icpg.com.br/hr/revista/downlood.exec.php?rpa_chave=86f11a37flcf792 1f522>. Acesso em 25 nov.2008.